

FONTES DE INFORMAÇÃO

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

Bibliomania à portuguesa

E em Portugal: também há colecionadores de livros raros e preciosos?

Certo que sim, tal como os há de medalhas, moedas, gravuras, armas, bonecas de porcelana, embalgens vazias, cabas de fôforos — enfim, de tudo aquilo que, por se repetir indefinidamente, desperta no homem o desejo vão de realizar o impossível: reunir uma coleção completa de coisas que nunca se completam.

Como todas as coleções, porém, também a de livros se revela de um curioso secretismo, como se se tratasse de um vício proibido, uma actividade que se pratica com pábulo mas igualmente com pudor, defendida de olhares curiosos ou perguntas indiscretas. Há, inclusive, bibliófilos que entram com recato nas alfarrabistas, como se estivessem a praticar um acto passível de reprovação.

Por seu lado, os livreiros antiquários, amantes deste espírito semiocultismo dos seus melhores clientes, guardam sigilo acerca das bibliotecas privadas que conhecem e ajudam a alinhar, desde a mais satisfatória à uma das preocupações dominantes dos colecionadores de livros raros.

Bibliotecas especializadas: um segredo bem guardado

«Uma das conclusões que se pode tirar da pesquisa análise dos catálogos de Arnaldo de Oliveira, é que não há nem bibliotecas verdadeiramente especializadas.»

Estas palavras escrevia-as, em 1957, Rui Pego, no prefácio ao catálogo do leilão da biblioteca de José Rodrigues Simões. Arnaldo de Oliveira realizou então o seu 200.º leilão, o que constituiu um ponto de referência e inegavelmente passou pelos livros. Quando morreu, há poucos anos, o número dos seus livros ultrapassava os trezentos, constituindo por si só um espólio bibliográfico cujo valor é já hoje incalculável.

Rui Pego, ao acusar a inexistência, em Portugal, de bibliotecas verdadeiramente especializadas — conclusão decorrente da análise das duzentas bibliotecas até então vendidas em hasta pública por Arnaldo de Oliveira —, estabeleceu perfeitamente, embora sem o dizer, a diferença mais acentuada no campo dos colecionadores de livros: entre aqueles que se dedicam a reunir espécie raras, mas dedicados a uma especialidade, e os que se limitam a reunir livros, sem nenhuma preocupação de incidência neste ou naquele género. As primeiras, demonstra-o a experiência, raramente aparecem em público para venda, passam com o tempo ao transformarem em autêntico e valioso património familiar, e os seus possuidores só em situações extremas, e com insuspeitado sacrifício pessoal, se despojam delas. São as bibliotecas que se deixam em herança — às vezes com a condição de se herdarem não as dispersarem —, ou se legam a instituições, forma ideal de preservar um conjunto que, quase sempre, constitui o fruto de uma vida de paciente pesquisa.

Em contrapartida, as segundas são conjuntos de livros formados um pouco ao acaso de uma procura nem sempre muito metódica, que privilegia a raridade mas não a seleção num único género, demandando em certa medida a dispersão do seu possuidor, ou a falta de disponibilidade para uma tarefa especial, que deve ser a exigência principal do verdadeiro colecionador. São estas, portanto, as bibliotecas menos valiosas, e as que mais facilmente se costumam em venda, pois os seus colecionadores nunca tiveram com elas o vínculo viscoso da especialidade, que as transformaria em bens de valor investível.

O dinheiro não basta para se ser colecionador

As primeiras — as bibliotecas especializadas — só alguns raros eletos as podem reunir, e quase sempre apenas no termo de uma vida de dedicação: elas se podem considerar muito valiosas. Não basta dispor do dinheiro em quantidade suficiente para adquirir, em qualquer momento e pelo preço que se queira, uma espécie indispensável à coleção. Tão importante como a disponibilidade económica é a disponibilidade de tempo que permita visitar constantemente as livrarias antiquárias, manusear catálogos, manter correspondência com livrarias no estrangeiro, e estudar atentamente aquilo que já se possui, para se evitarem repetições, descobrir referências de novas obras, dispersar outras que não estejam em condições de des-

toem da coleção. E é tão importante este capital de tempo, para quem queira formar uma biblioteca de espécies raras, que ainda há pouco me dizia um velho colecionador de livros com gravuras do século XIX:

«Quando era novo, tinha muito tempo para me ocupar dos livros, mas não me sobrava o dinheiro. Agora, que tenho dinheiro, passam-se dias sem entrar sequer na minha biblioteca.»

Nestas condições, o bibliófilo passa a ser apenas um colecionador de acaso, sem método, sem escrúpulo, sem prudência, limitando-se a adquirir por qualquer preço aquilo que a sorte lhe traz às mãos. E, como consequência, as coleções estagnam e empobrecem, porque passou irremediavelmente o tempo do colecionador desocupado e inteiramente absorvido pelo seu passatempo. E, fisicamente, também as bibliotecas se degradam. Vi recentemente uma magnífica coleção de obras raríssimas sobre as Invasões Francesas, cujas encadernações se cobriam de uma espessa camada de pó.

«Já nem tenho tempo para limpar os meus livros», dizia-me o seu possuidor. «E como não conto no cuidado das empregadas, prefero que elas fiquem assim. Pelo menos, guardo a esperança de vir a ter um momento livre para me ocupar do próprio dessa tarefa, que é das mais agradáveis que pode ter um colecionador.»

Sem tempo para cuidar de alfarrabistas, estabelecer contactos ou fazer consultas, os modernos colecionadores limitam-se, na sua maioria, a frequentar os leilões, onde em geral compram caro e de fraca qualidade, e para mais nas condições desfavoráveis de competição com os comerciantes, que sabem os preços em função das encomendas dos seus clientes, muitas vezes estrangeiros.

Por tudo isto, o que domina hoje em Portugal — tanto quanto é possível saber com um mínimo de rigor — são as coleções arbitrárias e de pouco valor, onde avulta uma ou outra peça rara, em geral produto de um acaso feliz. As vezes, sem muito esforço, o colecionador acaba numa espécie de totaloto bibliográfico, que enriquece para sempre a história da sua biblioteca. É o caso, por exemplo, de um jornalista que, procurando obras sobre o Gerês, acende se desloca em trabalho de reportagem, foi encontrar numa livraria do Porto um manuscrito do século XVIII — o *Diário Filosófico de Viagem ao Gerês* —, que era referido em quase todas as obras sobre o tema, mas cujo paradeiro se ignorava, e que se mantém inédito até ao presente.

Os colecionadores de um só livro

Surgem também, entre estes colecionadores de variedades, aqueles que, tendo embora muitos livros, fazem assentar a riqueza da sua biblioteca num pequeno lote de espécimes. Como exemplo, citamos o de um camilista que possui três o sete primeiras edições de Camilo, entre as quais a do *Amor de Perdição*, que teve somente uma tiragem de duzentos exemplares. De bom grado abdicaria das restantes tiradas e das primeiras edições, se essa fosse a condição para fazer com o exemplar do mais famoso romance de Camilo, que é hoje uma extrema raridade bibliográfica, e só de muitas em muitos anos aparece em venda. Toma-se assim, o seu possuidor, um daqueles colecionadores que considerariam em viver com um único livro, o mais amado e invejável.

E já agora, a propósito de Camilo, não será demais lembrar que também ele foi um inveterado colecionador de raridades bibliográficas, com esta característica extremamente rara em bibliófilos: quando tinha apertos económicos, vendia as suas livrarias, e aparentemente sem grande desgosto. Das horas do dia e da noite que dedicava à sua escrita torrencial, ainda lhe sobrava tempo para visitar alfarrabistas, em busca de preciosidades, e escrever cartas, muitas cartas, fazendo ofertas, propondo aquisições a quem tinha mais posses que ele, pedindo conselhos. E não resistiu, aquando da venda da sua primeira biblioteca, em 1870, a elaborar um *Catálogo metódico de livros antigos e modernos em diversas línguas e manuscritos que se há-de vender em leilão, no Porto...* no qual perpetuava o espírito e a história da coleção que tanto trabalho e dinheiro lhe custara a reunir, e da qual se desprendia com aparente despreocupação. O que não impediu, porém, que continuasse a ser acometido de fúria colecionista, voltando a reunir outra biblioteca.

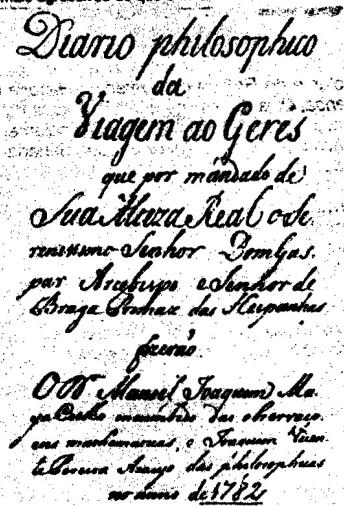
Beneilal, fotógrafo de casa real, ao mesmo tempo

que comprava livros quinzenistas para o rei D. Manuel, começou a juntar espécimes judaicos, de que chegou a ter uma coleção importante. Rebelo da Silva, o historiador, reuniu porventura a coleção particular mais importante sobre a Restauração. A biblioteca de Sousa da Câmara, leilada em 1906, e também rica em livros e folhetos da Restauração, era provavelmente a livraria privada mais antiga, pois a sua origem remontava ao século XVII. A coleção de Duarte de Sousa, felizmente adquirida pelo Estado em 1951, reúne talvez o mais importante conjunto de livros de

estrangeiros sobre Portugal, género que continua, hoje em dia, a ser muito procurado pelos bibliófilos que frequentam leilões ou ainda visitam alfarrabistas. Alino Forjaz de Sampaio reuniu uma original coleção de folhetos da literatura de cordel, que se encontra hoje na biblioteca da Fundação Gulbenkian. Mais recentemente, merece destaque a biblioteca de tiragens especiais, reunida pelo livreiro antiquário João Lopes Holteman, no decurso de muitos anos no exercício da sua profissão, e que, perante a indiferença do Estado, veio a dispersar-se em leilão, em 1982. Nunca mais será possível repeti-la.

Os bibliófilos são uma espécie em extinção? Tudo indica que sim. A inflação eliminou uma boa parte deles, tal a subida espectacular que os preços dos livros antigos registaram nos últimos anos, transformando-se de objectos de culto em produtos de investimento. Por outro lado, a progressiva escassez de raridades, resultante da sua progressiva fuga para o estrangeiro, acaba por roubar o estímulo a quem procura e não encontra nunca uma peça que justifique sacrifícios e distinga realmente uma biblioteca.

Outros motivos contribuem, porém, para tornar cada vez mais raros os pesquisadores de raridades bibliográficas: a falta de espaço para armar os livros nas casas modernas, a dificuldade de se preservar das maleitas da idade, a incerteza sobre o destino das bibliotecas após o desaparecimento daqueles que as reuniram, e, sobretudo, a falta de tempo que, ao contrário do que acontecia no passado, tem hoje de ser repartido por uma miríade de meios de comunicação, talvez mais absorventes e, sem dúvida, muito mais agressivos do que o livro.



A primeira página de um manuscrito do século XVIII, casualmente encontrado num alfarrabista do Porto. Estava referido em quase todas as obras impressas sobre o Gerês, mas ninguém conhecia o seu paradeiro. Foi um dos raríssimos acasos que fazem a felicidade dos bibliófilos.

Bibliotecas e Arquivos

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31